

Instituto Jones dos Santos Neves  
Biblioteca

# PANORAMA ECONÔMICO



MÍRIAM LEITÃO

## Teses e truques

**Em vez de discutir cota, é melhor investir na educação. Não se deve adotar um sistema que separa por raça, pois isso criará racismo. Não se pode ferir o princípio constitucional de que todos são iguais perante a lei. Nunca pode ser revogado o princípio do mérito acadêmico. Os argumentos se repetem e parecem ótimos. Escondem a mesma resistência ao tema racial que temos mantido desde a abolição e as conclusões estão truncadas.**

Nunca, os que defendem cotas raciais na universidade propuseram a escolha entre cotas e qualidade da educação. Não há essa dicotomia.

É uma falsidade para truncar o debate. É fundamental melhorar a educação em todos os níveis. As cotas raciais não revogam essa idéia.

O princípio da igualdade perante a lei é a pedra que sustenta as sociedades democráticas e modernas. As ações afirmativas não vão revogá-lo.

A igualdade perante a lei sempre conviveu com o tratamento diferente aos desiguais. Na área tributária, a regressividade, por exemplo: a alíquota para os mais ricos é maior.

As transferências de renda são para quem tem renda abaixo das linhas de pobreza e miséria.

Mulheres estão sub-representadas na política e, para tentar vencer isso, há a cota de 30% nas candidaturas.

No comércio internacional, existe o princípio do tratamento diferenciado para os países mais pobres.

Há muito tempo, o Direito convive com os dois princípios, como complemento um do outro. Um garante o outro.

Tratar da mesma forma os desiguais acentua a desigualdade. O princípio da igualdade perante a lei é apresentado na discussão como um truque.

Não há conflito entre ele e o outro princípio civilizatório do tratamento diferenciado aos desiguais.

Quem quer defender o princípio da igualdade perante a lei deveria fazer um manifesto contra, por exemplo, a aberração de prisão especial para criminosos com curso superior.

O mérito acadêmico tem que ser preservado na formação universitária. Ele não está sob ameaça com medidas para aumentar o ingresso de negros na universidade.

As avaliações de desempenho de diversas universidades mostram que não há esse risco.

Os adversários das cotas rejeitam as avaliações dizendo que ainda não foi feito um estudo consistente.

O mesmo argumento invalida seus próprios argumentos de que a qualidade da universidade estará em risco com as cotas.

A universidade americana, que nunca abriu mão do mérito acadêmico, dá pontuação diferenciada por razões raciais, sociais e até aos esportistas no ingresso nas escolas.

Não podem ser adotadas políticas que incentivem o racismo. Quem discordaria disso? Esse argumento usado contra as cotas é um dos mais perigosos truques.

As políticas de ação afirma-

usam nas suas contratações mecanismos para aumentar a representatividade das várias partes da sociedade.

Governos diversos usam incentivos para determinadas políticas como parte dos seus critérios de seleção de fornecedores nas compras governamentais.

Nada há de errado e novo nessas políticas. O que há é que, pela primeira vez, fala-se em usar esses mecanismos para promover a ascensão dos negros no Brasil.

O país tem um horror atávico a discutir o tema.

Já se escondeu atrás de inúmeros sofismas. Acreditava estar numa bolha não racial, um país diferente, justo por natureza.

Não existe raça. É fato. Biológica e geneticamente não existe, como ficou provado em estudos recentes.

Isso é mais um argumento a favor das políticas anti-racistas e não o contrário.

Os avanços acadêmicos na área só servem para mostrar que os negros são mais pobres, têm piores empregos, ganham menos, não por qualquer incapacidade congênita, mas por falha da sociedade em construir oportunidades iguais.

Isso se corrige com políticas públicas, iniciativas privadas, para desmontar as barreiras artificiais ao acesso dos negros à elite.

O debate é livre e benéfico. O problema não é o debate, mas alguns

dos argumentos. E pior: os truques.

Acusar de promover o racismo o primeiro esforço anti-racista após 118 anos do fim da escravidão é uma distorção inaceitável.

Quem gosta do Brasil assim deve ter a coragem de dizer isso.

Quem não acha estranho, nem desconfortável, entrar nos restaurantes e só ver brancos, ver na direção das empresas apenas brancos, conviver com uma elite tão monocromática, tudo bem.

Deve simplesmente dizer que prefere conservar o Brasil como ele é, com os brancos e negros mantidos assim: nesta imensa distância social.



tiva não vão criar o racismo. Não se cria o que já existe.

O Brasil tem um fosso enorme, resistente, entre brancos e negros e é esse fosso que se pretende vencer.

Sem o incentivo à mobilidade, o Brasil carregará para sempre as marcas da escravidão.

Ela tem se eternizado por falta de debate e de políticas dedicadas a superar o problema.

Empresas internacionais adotam há tempos metas para aumentar a diversidade de seus funcionários, executivos e gerentes. É um objetivo desejável no mundo multiétnico e que se quer menos racista e menos injusto.

Órgãos públicos americanos